

Neste primeiro número de 2020 destacamos quatro grandes temas. Analisa-se o papel da União Europeia (UE) enquanto ator securitário e cooperativo no plano regional, o desempenho da inteligência artificial no controlo e na proliferação de armamentos e os imperativos da sua regulação, integramos uma perspetiva sobre as relações entre as organizações regionais e os atores internacionais, no quadro das disputas regionais no Sudeste Asiático e reflete-se sobre o fenómeno do ressurgimento dos movimentos populistas na Europa.

Nuno Pereira de Magalhães analisa o desempenho securitário da União Europeia e a tensão existente entre o plano discursivo oficial da União, assente em valores e normas, e a expressão dos seus interesses estratégicos em cenários de gestão de conflitos. Embora na literatura prevaleça o entendimento que a intervenção da União na gestão da conflitualidade, releva do valor das normas e de motivações humanitárias, o autor sugere que, ao invés, a relação de poderes internacionais e os efeitos da conflitualidade têm condicionado a participação da UE em operações militares. Márcio Jorge Ferreira Guimarães examina o processo de autonomização da defesa europeia através do desenvolvimento de projetos de Cooperação Estruturada Permanente, demonstrando como é que os instrumentos de implementação da mesma através da Análise Anual Coordenada em matéria de Defesa, do Plano de Desenvolvimento de Capacidades e do Fundo Europeu de Defesa são essenciais à geração de impacto efetivo das capacidades de defesa da União. O autor aborda a decisão de Portugal tomar parte nas ações de Cooperação Estruturada Permanente e conclui sobre o potencial contributo dessa participação no setor industrial e da investigação.

Noemi Maria Rocca parte da análise da relação entre crime organizado e a ação de grupos terroristas na Europa, em particular a partir do momento em que as ações de controlo de transações financeiras, por Estados e pelas instituições financeiras, passaram a condicionar a atuação daquelas organizações. Este controlo reforçado, no plano financeiro, provocou um reforço das relações entre ambas, afetando não apenas a estabilidade dos Estados frágeis e dos regimes não democráticos, mas também as das democracias ocidentais. Este artigo analisa a crescente interação entre as máfias locais e grupos jihadistas em Itália, nos últimos cinco anos, aferindo as formas como cooperam e a resposta do sistema judicial italiano a este novo *nexus* entre crime organizado e terrorismo.

Maria Francisca Saraiva analisa uma outra dimensão da interdependência securitária, desta feita entre a proliferação e controlo de armamentos e o domínio da Inteligência Artificial, dedicando uma atenção particular aos sistemas de armas letais autónomas. O artigo examina a necessidade de regulação destas tecnologias ao nível militar, fundamentando a necessidade de proibição preventiva desta categoria de armamentos e a proposição de um sistema de regulação global da utilização de Inteligência Artificial, em ambiente militar. A autora argumenta que os sistemas

---

autónomos colocam desafios complexos à gestão dos instrumentos da violência armada e sugere a necessidade de promoção de um sistema de controlo de armamentos global, considerando a possibilidade do emprego generalizado de aplicações de Inteligência Artificial nos vários domínios operacionais da ação militar.

Por fim, Vasco Rato analisa as principais causas do surgimento do populismo moderno nos Estados Unidos e nos Estados-membros da União Europeia. O autor argumenta que o populismo representa uma “forma de fazer política” assente fundamentalmente no anti elitismo e em manifestações de rejeição cultural das consequências da globalização, por parte de movimentos e grupos populistas. Nos sistemas liberais, o desafio reside na necessidade de encontrar respostas adequadas e eficazes na mitigação das consequências desestabilizadoras dos movimentos populistas, com base no regime de valores e princípios orientadores das democracias.

No dossiê extra caderno, Nuno Canas Mendes reflete sobre a configuração da competição estratégica no Sudeste Asiático protagonizado entre atores regionais através de formas de ação política e económica na região. O autor identifica a presença de recursos energéticos e naturais como estando na origem das disputas regionais sobre o Mar do Sul da China, zona esta que concentra uma parte considerável do comércio mundial. A esta confluência de rotas marítimas adiciona-se a manifestação de capacidades navais e a presença de uma *coexistência competitiva* entre a China e os EUA, onde se mede a força e a capacidade naval dos EUA, cuja presença na região aumentou, agravando as pressões chinesas e norte-americana sobre a Associação das Nações do Sudeste Asiático e inibindo o seu papel estabilizador naquela região.

Isabel Ferreira Nunes